



DEPOIS DE 42 ANOS DE VIDA SIMPLES E ANÔNIMA, — 22 DE INGENUA AGITAÇÃO E HUMANÍSSIMA UTILIDADE.

"Tipos que a gente encontra" - IX.ª Reportagem de uma série

DONA ANÁLIA MÃE DA HUMANIDADE

OS MUNDOS SUBMERSOS E AS AVENTURAS
NOTURNAS DE UMA PARTEIRA LICENCIADA

Por JOSÉ AMÁDIO

A ZENHA, bairro de Porto Alegre, é o recanto dos cemitérios, dos mercadinhos e dos soldados da Brigada. Zona de bíbocas, poeira e terra vermelha, representa uma espécie de paraíso para a gurisada que joga futebol nos campinhos e mesmo no meio da rua, sob o olhar complacente do guarda-civil. A Azenha orgulha-se de ser um bairro histórico. É verdade que os picões da Prefeitura já se encarregaram de abater a sua ponte centenária e as suas pitorescas meia-águas. Mas ainda é na moradia de porta-e-janela, quase exclusivamente, que a sua densa população mantém o lar.

Foi numa dessas casinhas desprezíveis, caída de amarelo e precária em matéria de rebôco, que encontramos a nossa personagem de hoje. Encontro não premeditado, aconteceu por influência de uma placa descascada, em que se lia: ANÁLIA V. DA COSTA — PARTEIRA.

Continua na pág. seg.



HORAS INCERTAS

A cegonha pode aparecer a qualquer hora do dia ou da noite. E lá se vai a Dona Anália, pressurosa, com a maleta e os trajes caseiros.

DONA ANÁLIA...

Continuação da pág. ant.

PARTEIRA... Eis aqui uma profissão humaníssima. Acaso não é por intermédio da parteira, quase sempre, que um ser humano tem o seu primeiro contato com o nosso atribulado mundo? Assim sendo, achamos que uma dessas mães da humanidade resultaria num palpitante material para reportagem. E foi por isso que batemos numa descolorida porta de outras épocas. Um cusco latiu no interior da casa. A chave gemeu na fechadura e fomos atendidos por uma senhora baixinha, encanecida, simpática — o tipo da velha que a gente gostaria de chamar vovó.

— Dona Anália está?

— Sou eu mesma... Os senhores entrem.

Foi numa salinha humilde, enfeitada de mariquitas e escadinhas-do-céu, que Dona Anália nos recebeu, enquanto um cãozinho outrora lanudo, cego ao que soubemos, dava cabeçadas pelos móveis e farejava os intrusos com curiosidade. De uma simplicidade encantadora, a parteira nos pareceu tão gentil como um retrato de moça dependurado na parede. Ela foi logo perguntando:

— E' caso de urgência? Deve ser... Todos deixam para a última hora.

A princípio ficamos confusos. Depois compreendemos: Dona Anália pensou que fôramos "tratar algum servicinho". Mas tudo se esclareceu em seguida. E acabou numa risada.

A parteira ficou muito admirada quando falamos em reportagem. Tirar retratos? Aparecer em revistas? Não — aquilo não era coisa para ela. A não ser no dia do casamento jamais seu nome figurara num jornal. E depois, sob que aspecto sua personalidade iria interessar aos outros? Dona Anália custou a se vencer. Fitava a complicada câmara do Keffel com olhar desconfiado e sorria como quem diz: "Ora já se viu!". Meta-hora depois, porém, falava com naturalidade, contava coisas.

Através de uma narrativa descansada e espontânea, ela passou um pano limpo em certas vidraças da sua existência e deixou a gente espiar. Conclusões: sua vida tem pulsado no pardo subterrâneo do anonimato. Descontando os sofrimentos e a profissão, desconhece quase tudo que se refere às realidades do mundo. Viver, para Dona Anália, significa botar feijão no fogo, passar um pano na casa, costurar, conversar com a filha e cuidar da sua criação de canários. Jornais? Não. Cinemas? Não. Passeios? Também não. E assim é há muito tempo.

Com o escafiando de uma curiosidade perdoável, mergulhamos nas águas nem sempre estagnadas do seu passado. Vimos nadinhas e um cotidiano incolor. Vimos também o clímax e a odisséia de uma vida.

Decididamente, Dona Anália é uma mulher conformada. De uma ingenuidade incrível, acredita em milagres e espera por melhores dias. Com a sua profissão, construiu uma ponte para atravessar o pântano da existência. Mas é uma ponte incerta, claudicante, sem fim. Qualquer dia pode haver um acidente, pois a parteira já está enrugadinha, não tem nada de seu nem direito a aposentadoria.

Oanel que tu me deste, era vidro e se quebrou... — era assim que ela cantava, na infância, por entre os campos floridos e as sangas cristalinas de Jaguarão. Gostava de buscar água à fonte, colecionar borboletas e "caçar" cigarras. Seu viver era bucólico, lírico, com canções, rodeios, banhos no açude, mimos e tudo — feliz, enfim. Como o vento das paragens não permitia que cabelo algum ficasse penteado, sua mãe lhe fazia tranças e amarrava topes de fita. Segundo o dizer da vizinhança, Anália era um "amorzinho". No colégio, aprendeu a cantar "Os Meus Oito Anos". Nos salões, a dançar e a arranhar o francês.

O pai, português por acidente e negociante por tradição de raça, gostava de comer pimentas e de fazer discursos na praça pública. Com as algibeiras sempre recheadas, morava num casarão de pedras e dava-se ao luxo de possuir uma "aranha". Suas filhas freqüentavam a sociedade.

— Ah, os balles do meu tempo! — gosta de recordar a parteira. — Ah, os balles do meu tempo!

Segundo a opinião de um galã da época, Dona Anália possuía "asas nos pés e felício nos olhos". Seu casamento foi bonito, com damas de companhia, almoçados e viagem de núpcias. Um dos padrinhos discursou que foi uma beleza.

— Nem gosto de falar nessas coisas. A gente se comove...

Dona Anália não gosta de recordar, porque um dia o minuano da infelicidade uivou no seu coração, varreu a sua alegria e atirou-a em Porto Alegre, como uma fôlha de outono.



HORAS ATENTAS

Quando Dona Anália tem serviço tratado, arruma o seu "material" com bastante antecedência. Suas mãos já deram vida a muitos...

OS fatos se embaralharam como nuvens na ventania. Depois veio a bonança. Para Dona Anália, restou apenas uma lembrança amarga e uma responsabilidade: sustentar e educar a filha pequena. Preferiu lutar sôzinha. Nada de pedir auxílio para os parentes nem para os conhecidos. Foi vivendo como pôde, honestamente.

Quando já estava na casa dos quarenta, acidentalmente, descobriu a sua vocação. Isso aconteceu certa noite de inverno, quando bateram com violência na sua porta e gritaram:

— Acuda, vizinha, que a minha velha está passando mal.

Dona Anália reconheceu a voz, envolveu-se num casaco e enfrentou a noite fria. Era uma conhecida que estava enferma e precisava de ajuda: coisas da cegonha que chegara antes da hora. Aquela foi a primeira vez em que Dona Anália assistiu um parto. Foi feliz. Sua fama logo se alastrou pelas redondezas.

Então, comprou uma maletinha, alguns "ferros" e começou a agir. E nunca mais teve descanso. Súbitamente, compreendeu que nasciam mais crianças do que formigas.

Passaram-se 22 anos e Dona Anália tem assistido centenas e centenas de partos. Casos de gêmeos, casos de trigêmeos. Muitas vezes, no bonde, na rua, na padaria, algum jovem se aproxima dela e pergunta:

— Como vai a senhora, não me conhece mais?

Dona Anália não conhece. Iniciou tantos e tantos na vida! Muitos bebês, ela própria batizou; outros, crismou. Mas, na sua idade, a lembrança é quase cega.

UM dia, a higiene resolveu importar-se com o Brasil. Reflexo tardio dos ensinamentos de Pasteur, os cientistas nacionais promoveram uma grande campanha de saúde, de limpeza e de critério profissional. Acossaram aos charlatães inescrupulosos e declararam guerra às parteiras clandestinas.

Decretos foram baixados: parteira sem curso de especialização não poderia trabalhar. Como muitas outras, Dona Anália recebeu aulas práticas e teóricas num Centro de Saúde. Passou com distinção nos exames. Recebeu uma carteira e pôde exercer suas funções legalmente, às boas com a lei e com placa na porta.

Mas a carteira e o curso foram meras formalidades para ela. Dona Anália sempre foi perita, detendo os três requisitos indispensáveis ao bom exercício da profissão: sorte, perícia e "boa mão". Até agora, apenas três criancinhas morreram, nos casos a que ela atendeu. E ela tem atendido a partos difíceis que, seguidamente, exigem a presença imediata de um bom especialista.

Dona Anália é modesta para falar, para vestir e mesmo para sonhar. Agora, para cobrar, não é modesta: é modestíssima. O safado pretexto da guerra não contribuiu para encher a sua carteirinha de níqueis. Seus preços variam de acordo com a situação econômica da cliente, mas nunca ultrapassam a quantia de-



HORAS VAGAS

Sem ser solteirona, Dona Anália tem loucura por canários. Ela diz que o canto das aves lhe traz deliciosas recordações da infância.

100 cruzeiros. Se a paciente é operária, pobre, paga apenas 60 ou 70 cruzeiros. Por este preço, concluímos que a vida é um dos artigos mais baratos que andam por aí.

Para ganhar esse dinheiro, Dona Anália vai diversas vezes à casa da paciente, assume a responsabilidade do parto e é obrigada a pular da cama a qualquer hora do dia ou da noite. E isso não é brincadeira, principalmente no inverno e para quem já conta sessenta e quatro anos de idade. Dona Anália já sofreu as consequências dessas suas aventuras noturnas; há pouco tempo foi atacada de pneumonia.

COMO há gente descarada neste mundo!" — exclamam os descrentes da espécie. E há mesmo. Tão descarada que tem coragem de passar calotes na pobre da Dona Anália. Dos muitos exemplos, destacamos aquele do sapateiro. Dona Anália cobrou sua continha diversas vezes e o homem "não se explicava". Um dia, disse:

— Olha, minha senhora. Não pago porque não quero. Faça como eu: vem um freguês aqui e vê um par de sapatos. Quer levar, paga; não quer, bota de novo no lugar. Comigo é assim...

Essa foi uma das raras ocasiões em que Dona Anália ficou verdadeiramente indignada. Passou uma valente descompostura no remendão. E arrematou:

— Seu desaforado! É pena que eu não possa fazer com o seu filho o mesmo que o senhor faz com os sapatos, botá-lo de novo no lugar. Senão fazia. Ah, se fazia!

Dona Anália vive com a filha. A filha trabalha no centro, para "ajudar na despesa" e ela se encarrega de toda a lida da casa. E ainda costura para fora. Há dezolito anos faz capotes para o Arsenal de Guerra. É um trabalho árduo, rende pouco.

— Mas é preciso se comer — diz ela. — Hoje em dia anda tudo pela hora da morte.

COM os anos, Dona Anália aprendeu a conhecer os homens ou, pelo menos, o nervosismo dos homens em determinadas ocasiões. Diz ela que não há nada de mais comovente do que a afobação de um marido, cuja cara metade espera o primeiro bebê. O futuro pai caminha de um lado para outro, fuma cigarros sem conta. De vez em quando, pergunta:

— Como é, comadre, alguma novidade?

— Sossega, rapaz. Você parece criança...

A parteira acalma, anima, dá conselhos. E sempre há dois olhos ansiosos cravados em seus gestos. Dona Anália compreende. E acha que a maternidade é a mais sublime ventura da mulher, mas também a mais dolorosa. Por isso, vê em cada mãe uma heroína.

No ocaso da vida, Dona Anália V. Da Costa, parteira licenciada, faz as suas orações diárias e pede aos céus que a filha seja feliz. Qualquer pessoa se comove, olhando para as rugas de Dona Anália, um desses tipos que a gente encontra... e tem vontade de abraçar.